

## > O nosso Coração “à Lupa”

Guadalupe Lavrador Rocha é a presença constante e carinhosa, indispensável ao quotidiano do Guadalupe. Todos a conhecem como Lupa... E é assim que gosta de ser chamada por todos.

Os momentos mais felizes vividos diariamente no Colégio ocorrem quando “os miúdos” a procuram, sentindo-a como uma mãe, sempre disposta a ouvi-los e a protegê-los. O carinho que lhe retribuem é extraordinário, porque genuíno e sem reservas.

Para surpresa de muitos, sabe o nome de todos os alunos, considerando isso um processo natural, e, como a própria refere: “Não me via a falar com os miúdos sem saber o nome”. Esta forma de estar, reconhece, foi influência da mãe, que lhe incutiu essa forma de estar baseada na proximidade e no afeto, e que explica a sua preocupação por todos, sobretudo quando não parecem felizes, bem como o seu desejo de que o Colégio Guadalupe seja um espaço de liberdade e respeito.

Ajuda a gerir um Colégio que se distingue pela diferença e esta é visível em muitos aspetos: “o que eu sinto é que as pessoas que aqui trabalham dedicam-se muito aos alunos... e não só na sala de aula.” Isto é visível na forma como os alunos vivem o colégio desde os tempos da sua fundação, demonstrando sentir-se confortáveis e felizes em todos os contextos que lhe são proporcionados. Reconhecido por todos os que nos visitam, destaca o facto de o Colégio Guadalupe ser um espaço onde toda a gente se conhece uma vez que, desde cedo, é cultivado o respeito e a lealdade para com as pessoas.

Um outro aspeto diferenciador do Colégio é que os alunos se sentem livres, o que promove a autonomia e a responsabilidade: “Não me estou a ver num colégio onde andassem sempre atrás dos miúdos. Isto ajuda-os a crescer e a ser mais responsáveis. Isto estimula a partilha, tornam-se amigos”. O recreio transforma-se, assim, num

espaço agradável que pode ser usufruído livremente por todos – um espaço com muito verde, flores e muita cor.

E é neste momento da nossa entrevista que descobrimos algo surpreendente: afinal, Guadalupe Rocha nem sempre quis ser educadora. Já crescidos, a Lupa e os irmãos estudavam, mas também trabalhavam para ter o seu próprio dinheiro. O seu talento para as artes plásticas levou-a a escolher um curso de arquitetura, do qual desistiu, tendo

... / ...



.../...

depois acabado por se render e seguir as passadas da mãe.

Sentimos necessidade de compreender, então, onde e como começou esta paixão pelos pequenos e pela vida: “Eu via as aulas da minha mãe e achava que ela era louca. Ia para o chão com os miúdos”. A certa altura, tudo começou a fazer sentido e, tal como a mãe, atraía-a este espírito diferente, incluindo a filosofia Montessori, algo inovador para a época. “Chegou uma altura em que percebi que aquilo era o que eu também queria fazer. Fui fazer o curso.”

Agora, depois de muitas experiências, boas e más, não se arrepende de nada, sobretudo porque prefere olhar para o futuro e continuar a desempenhar um papel que considera imprescindível: estar presente e ouvir. “Quando eu andava no Colégio, ninguém ouvia os alunos. Não lhes davam oportunidade de falar e dizer o que pensavam. Aqui, ouvimos todas as pessoas, alunos e professores. Todos têm o direito de ser ouvidos.”

Embora sinta saudades de algumas coisas, porque, antes, era tudo mais pequeno e familiar, prefere o momento presente: “Este começa a aproximar-se do meu sonho de colégio. Ainda faltam algumas coisas: acho que as aulas não devem ser sempre entre quatro paredes, já fazemos muitas aulas “cá fora”, mas eu ainda queria mais.” “A minha mãe também falava de muita coisa do mundo” - a partilha deste conhecimento é, segundo Guadalupe, um aspeto fundamental no ensino: “Alguns professores já fazem isso muito bem. Um professor que viaje muito, que leia muito, tem muito para partilhar com os que o rodeiam.

Guadalupe sabe que o Colégio é uma empresa e, de acordo com a sua perspetiva, enquanto empresa, as pessoas têm de estar contentes por trabalhar aqui, pois assim serão excelentes no que fazem. “Eu dou valor às pessoas”, sabendo que, obviamente, o valor científico também tem de ser bom. A chegada de professores novos é vista como um aspeto aliciante, pois permite uma interação com os mais experientes e isso constrói dinâmicas distintas. Afinal, “ser professor não é fácil, mas também é muito recompensador.”

Para além da grande influência dos pais, que considera que lhe proporcionaram experiências incríveis, descobrimos que o irmão é, também, uma das suas referências na vida: “O João Pedro é uma das pessoas mais humanas que eu já conheci, até hoje.”

“Ser feliz é estar no Guadalupe” e a nossa Lupa não hesita em dizer “Sou felicíssima aqui. Não conseguia viver sem isto”. Aqui entre nós, também não conseguiríamos viver sem ela.

## > Guadalupe Solidário

Foi com muita apreensão que acompanhamos a situação dramática dos incêndios vivida no nosso país no decorrer do mês de outubro. E porque não poderíamos ficar indiferentes, decidimos organizar uma recolha de bens, destinados a ajudar as vítimas. Previamente, contactámos a Cruz Vermelha Portuguesa, no sentido de sabermos qual seria a melhor forma de ajudar e quais os itens que fariam falta nos diversos locais atingidos. Por outro lado, conseguimos perceber de que forma esta instituição responde a catástrofes como esta. Agradecemos a todos a contribuição que fizeram, que fez a diferença e foi importante para ajudar quem, de repente, muito perdeu. OBRIGADO!



Rua Parque Natural do Alvão, 26, Verdizela 2855-620 Corroios, Seixal, Portugal.  
secretaria@e-guadalupe.com | +351 212 971 410 / 844 | 965 505 101

Colégio  
Guadalupe



Redação: Elisabete Rodrigues; Sandra Figueiredo  
Design: André Sancho